

REFLEXÕES SOBRE A MATERNIDADE NA ARQUEOLOGIA

MARINA DA FONSECA LOPES¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – mfl.arqueologia@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - UFPel – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento uma reflexão inicial sobre minha pesquisa de mestrado intitulada “O corpo das arqueólogas como lugar de violência: contribuições de estudos de gênero na Arqueologia Preventiva” iniciada na disciplina de Família e Parentesco no Programa de Pós-Graduação em Antropologia/Arqueologia da UFPel. Abordo a temática da disciplina associada à vida das arqueólogas. Neste estudo o foco foi investigar as relações destas profissionais com a maternidade e suas relações afetivas.

A participação da mulher no mercado de trabalho, tem se intensificado cada vez mais. De acordo com Greyce Rocha Beltrame e Tagma Marina Schneider Donelli (2012), a história possibilitou novos direcionamentos para as mulheres na sociedade contemporânea, como sua ascensão no mercado de trabalho e na vida intelectual. Diante disso, em alguns casos ocorre um adiamento da maternidade. Para pensar como se dão as relações afetivas e principalmente a maternidade na vida das mulheres que trabalham com arqueologia, conceituo como se dá este trabalho.

O fazer arqueológico ocorre de duas formas: atividade de gabinete e de campo. Na primeira, as/os pesquisadoras/es elaboram projetos e relatórios de pesquisa, analisam artefatos arqueológicos em laboratório e realizam todos os trâmites que antecedem e sucedem os trabalhos de campo, neste caso os trabalhos ocorrem na sede da empresa ou em *home office*. Na segunda, o trabalho consiste em prospecção, salvamento ou acompanhamento arqueológico, durante todas as etapas se estabelecem relações com as comunidades locais. Geralmente os estudos estão associados a obras de implantação de empreendimentos, neste caso os trabalhos ocorrem longe dos centros urbanos, no setor rural. Os trabalhos de arqueologia acontecem por demandas. As/os profissionais viajam até a cidade onde o projeto será desenvolvido para realizar a etapa de campo, desta forma, viajar se torna uma atividade rotineira para as/os arqueólogas/os.

2. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Para aplicar o método exploratório, inicialmente realizei levantamentos bibliográficos no que concerne à maternidade e o mercado de trabalho.

Para o levantamento de dados, elaborei um questionário com perguntas dissertativas, através das quais inicialmente busquei conhecer a história de vida das entrevistadas, desde sua formação, atuação na área ou fora dela, como perguntas mais específicas sobre o tema desta pesquisa, para citar algumas: Como a maternidade implicou na sua carreira profissional? Fale sobre as dificuldades e desafios da maternidade. Como teu trabalho reflete nas tuas relações afetivas?

Realizei a coleta de dados de forma online, pela plataforma *WhatsApp*. Para a seleção das arqueólogas que iriam participar do estudo, busquei em minha rede de contatos profissionais que eu sabia que eram mães e uma que não tem filhos e nem deseja ter. Entrei em contato individualmente com cada arqueóloga. No total, sete arqueólogas aceitaram o convite, porém somente quatro participaram. Para preservar a identidade das arqueólogas, por questões éticas, utilizei o termo “Interlocutoras” para me referir a cada profissional que participou dessa pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como viajar faz parte do cotidiano da vida das/os profissionais da arqueologia, fixar residência e adquirir uma casa nem sempre é uma prioridade na vida das/os arqueólogas/os. Após a formação, aquelas/es que optam por trabalhar com Arqueologia de Contrato/Preventiva, ao encaminhar seus currículos para as empresas de consultoria, citam que possuem disponibilidade para viagens, pois este, muitas vezes, pode ser considerado como um diferencial.

A arqueologia é uma área de atuação majoritariamente masculina, de modo que as arqueólogas apresentam dificuldades em se inserir no mercado de trabalho por serem mulheres e, em algumas situações, mães. Pensar como se dão as relações familiares das arqueólogas é um ponto desta pesquisa, uma vez que arqueólogos podem constituir família, ter filhos e sair de casa para trabalhar com a justificativa de ser o mantenedor da família, enquanto as arqueólogas que partilham da mesma posição não podem exercer a profissão com a mesma justificativa.

Conforme Claudia Fonseca (2010), o nascimento do primeiro filho está entre os ritos que marcam eventos especiais no ciclo doméstico. Para as arqueólogas entrevistadas neste trabalho não é diferente, pois segundo elas, a maternidade representa doação, desafio, maturidade e amor genuíno, como pode ser observado nas narrativas a seguir:

Nunca sonhei ou fiz muitos planos para ser mãe, porém, quando aconteceu me transformou completamente, me trouxe mais responsabilidade, mais coragem, mais segurança. Me senti uma pessoa mais forte (Interlocutora 2, 50 anos).

A maternidade representa abdicação, amor genuíno, cansaço, evolução como ser humano, busca por ser alguém melhor (busca por disciplina, bons hábitos, bons exemplos). Me sinto grata por ser mãe e feliz por me descobrir mãe (Interlocutora 3, 32 anos).

A maternidade ocupa dois polos na minha vida, sendo um o da realização de um grande desejo de ser mãe e o outro o desafio de conciliar a realidade da maternidade com meus estudos e área de atuação (Interlocutora 4, 27 anos).

Estudos apontam que na sociedade contemporânea as mulheres não são vistas exclusivamente como mães. Com a inserção dos métodos contraceptivos e o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, há outras configurações de maternidade para além da tradicional, que rompem com um ciclo que deveria ser cumprido em uma determinada época (BELTRAME; DONELLI, 2012).

Dentre as quatro entrevistadas, a Interlocutora 1 não é mãe, e conta que não se imagina tendo uma gestação, porém está aberta para adoção num futuro: “Eu só quis ter filhos na minha infância, só quando eu era pequena, eu achava que eu ia ser mãe e era isso a minha vida” (Interlocutora 1, 29 anos). Nesta fala é perceptível como a questão da maternidade e o desejo de ser mãe estão associados ao sistema patriarcal em que fomos criadas. Desde a infância, as meninas são presenteadas com bonecas, aparatos domésticos e são ensinadas a cuidar das suas bonecas. Esse comportamento, estimulado pela família, é uma doutrinação que ocorre desde a mais tenra idade e, depois, na vida adulta, a responsabilidade dos filhos recai sobre as mulheres.

Cláudio Santiago Dias Jr e Ana Paula Verona (2016), ambos pesquisadores da demografia, partem do pressuposto da perspectiva sociológica de que na maternidade e na vida profissional há uma incompatibilidade de papéis. Apontam para as dificuldades de administrar as duas relações e, em casos extremos, ocorre

a renúncia de um dos dois fatores. No relato das arqueólogas é possível perceber pontos positivos e negativos no fazer arqueológico:

Por 13 anos fui professora, estava bastante cansada da rotina exaustiva de trabalho que nunca acabava junto ao turno na escola. Quando apareceu a oportunidade de trabalhar com arqueologia novamente, não pensei duas vezes. E sim, a maternidade influenciou nesta decisão, justamente para eu ter os finais de semana e os finais de dia, mais disponibilidade para estar com meu filho. Enquanto professora isso me era quase impossível (Interlocutora 2, 50 anos).

A maternidade me impede de ir a campo por períodos mais extensos e em locais distantes de onde resido, essa é a maior limitação [...] Quando estava grávida pensava em trocar de profissão porque estava desacreditada com a carreira no Brasil (Interlocutora 4, 27 anos).

A Interlocutora 2 estava atuando como professora e destaca que retornar para Arqueologia foi melhor para o relacionamento com seu filho do que permanecer lecionando. Pensando na trajetória de vida desta pesquisadora, observo que entre as atividades desempenhadas na empresa de Arqueologia de Contrato em que atua, seu trabalho ocorre tanto em atividades de campo, quanto na elaboração de projetos, relatórios de pesquisa, ações de Educação Patrimonial e análise de cerâmicas em laboratório. A pesquisadora desempenha diversas funções, porém essa foi a única Interlocutora que citou ações educativas e atividades de laboratório, ou seja, atividades que não demandam tantos dias viajando longe de sua residência. Outro ponto a ser observado, é que a Interlocutora 2 é casada com um arqueólogo: “Como atuamos juntos, há sempre compreensão em relação a atuação de pesquisa, trabalho, estudos e no que envolve questões da educação de nosso filho e gerência da casa em que vivemos” (Interlocutora 2, 50 anos).

A Interlocutora 4 identifica que a maternidade a limita de fazer viagens para atividades de campo durante períodos extensos, relatando que durante a gravidez cogitou trocar de profissão devido à falta de oportunidades no cenário da arqueologia brasileira. Durante o período gestacional e de crescimento da filha, a Interlocutora 4 não teve apoio paterno, destacando que “o pai não é presente em nenhum aspecto”. A arqueóloga é mãe solo, atualmente trabalha como consultora na elaboração de projetos, relatórios e complementações, conforme as demandas do IPHAN. Além disso, ingressou para o mestrado, conciliando a maternidade e a vida acadêmico-profissional.

Entre os aspectos negativos da maternidade, a Interlocutora 1, que não é mãe, contribui com sua opinião sobre as possíveis limitações que teria ao trabalhar e exercer o papel de mãe. Nas palavras da entrevistada, “se eu tivesse um filho e saísse para viajar a trabalho, o mundo inteiro me julgaria por deixar o meu filho com o pai, mas o oposto é completamente aceitável e isso me deixa indignada” (Interlocutora 1, 29 anos). A Interlocutora 3 já não estava atuando na arqueologia quando engravidou, porém, acredita que seria difícil se manter na área com as demandas da Arqueologia de Contrato:

Quando engravidei já não estava mais exercendo a profissão. Caso estivesse dependendo do contexto, acredito que teria bastante dificuldade de conseguir me manter na área e, com isso, talvez pensasse em mudar de área sim. Penso que é difícil exercer arqueologia de contrato quando se é mãe, ainda mais nos anos iniciais da criança (Interlocutora 3, 32 anos).

A Interlocutora 1 diz que sua relação afetiva não interfere no trabalho e vice-versa: “a gente tem muita liberdade na nossa relação, evidentemente que a gente fica com saudade de estar longe um do outro, mas as minhas ausências e minhas viagens nunca foram um problema”. Já a Interlocutora 3 relata que “na graduação ouvi uma máxima que pra mim faz sentido (óbvio que não limita/restringe a isso): arqueólogos se relacionam com arqueólogos”. Neste caso, ela não atua mais na área devido a profissão do companheiro, que não é um profissional da Arqueologia e ainda explica: “moramos/iremos morar em estados/cidades diferentes a cada poucos anos. Esse é um agravante pra eu conseguir fincar algum tipo de raiz”.

As relações afetivas das/os profissionais da Arqueologia geralmente ocorrem quando os dois indivíduos têm a mesma profissão. Desta forma, ambos compreendem com mais facilidade a rotina de trabalho de suas companheiras/os. Como conta a Interlocutora 4, quando atuava na área de forma presencial, se relacionava com um arqueólogo, “o que tornava as coisas mais simples, em função de ambas as partes nutrirem a mesma postura referente a necessidade de viagens de trabalho, caso fossem necessárias” (Interlocutora 4, 27 anos).

4. CONCLUSÕES

A partir dessa reflexão, constato que as desigualdades de gênero estão presentes na prática arqueológica, sendo que as mulheres apresentam desvantagens em relação aos homens. As arqueólogas têm menos oportunidades do que os arqueólogos e, em muitas situações, seus conhecimentos, suas falas, não são ouvidas por serem mulheres. Desde a seleção de emprego as mulheres estão em desvantagem. O fato de serem mães pode ser decisório na contratação, enquanto para os homens isso não interfere de forma negativa.

Conforme a pesquisa realizada, foi possível perceber que as arqueólogas mães que participaram deste estudo e que seguem atuando na Arqueologia recebem apoio institucional, atuando mais em ações de Educação Patrimonial, laboratório ou na elaboração de projetos e relatórios, não precisando enfrentar a rotina de deslocamento entre cidades. Há as que recebem apoio de companheiros que também são arqueólogos.

Uma das entrevistadas parou de atuar na Arqueologia antes de ser mãe e diz estar desenvolvendo projetos pessoais atualmente. No seu relato, argumenta que para trabalhar com Arqueologia, precisaria abdicar de outras coisas, “fazer escolhas”, então sua decisão foi abrir mão de sua profissão e acompanhar o ritmo da profissão de seu companheiro. Fica implícito que não houve uma conciliação da carreira profissional com a família, desta forma, nesta relação o homem é responsável pelo sustento de si e de sua família, e à mulher resta o trabalho doméstico (não remunerado).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRAME, G. R.; DONELLI, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, Canoas, n. 38 – 39, p. 206 – 2017, 2012.
- DIAS JR., C. S.; VERONA, A. P. Maternidade e trabalho: algumas reflexões sobre mulheres em ocupação de nível superior. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 04, n. 07, p. 111-133, 2016.
- FONSECA, C. Família e parentesco na antropologia brasileira contemporânea. In: MARTINS, C. B.; DUARTE, L. F. D. (Coord.) **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil Antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 123 – 154.